

A DISCRIMINAÇÃO NO DISCURSO: A CATEGORIZAÇÃO DA MULHER SOB O ENFOQUE DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Discrimination in speech: Categorization of women under the focus of systemic-functional grammar

Claudia Moreira dos SANTOS (ACLISF – PUCSP, Brasil)
Sumiko Nishitani IKEDA (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil)

Resumo

O objetivo deste artigo é comparar, à luz da Linguística Crítica, com apoio metodológico da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), a categorização da mulher e a do homem no jornal Folha de S. Paulo. Para tanto, a pesquisa deve responder às seguintes perguntas: (a) Com que frequência a mulher ou o homem são citados na primeira página do jornal Folha de S. Paulo? (b) Que tipo de atividade exercem homens e mulheres citados nessa página? (c) Que escolhas léxico-gramaticais revelam a ideologia subjacente à figura da mulher e à do homem?

Palavras-chave: *categorização da mulher e do homem; análise do discurso crítica; Gramática Sistêmico-Funcional; Appraisal (Avaliatividade).*

Abstract

The objective of this study is to compare the categorization of women and men on the first page of Folha de S. Paulo newspaper, under the light of Critical Linguistics, with the support of Systemic Functional Grammar (SFG). For this purpose, the study shall answer the following questions: (a) How often are women or men cited on the first page of Folha de S. Paulo newspaper? (b) What type of activities are women and men cited on these pages engaged in? (c) Which lexico-grammatical choices does the ideology behind the image of woman and man reveal?

Keywords: *Categorization of women and men; Critical Discourse Analysis; Systemic Functional Grammar, Appraisal*

1. Introdução

Não é incomum e nem causa estranheza se, no trânsito de uma avenida, ouvirem-se frases como: 'Lugar de mulher é na cozinha' ou 'Vá pilotar no fogão', como se a mulher estivesse invadindo um terreno que não lhe pertencesse. Também todos achariam normal que, se uma criança começasse a chorar por algum motivo (isso aconteceu comigo durante as férias da família), alguém dissesse: 'Onde está a mãe desta criança?' em vez de dizer: 'Onde está o pai desta criança?'.

Essa diferença na consideração da mulher, quanto às suas atividades e seus deveres, em contraposição aos do homem é intrigante. Se imaginarmos que o mundo é uma vasta coleção de coisas e de pessoas, poder-se-ia pensar que as pessoas teriam direito a essas coisas. Por outro lado, talvez haja até mais mulheres do que homens dirigindo veículos, já que a elas cabe levar as crianças à escola, ao curso de línguas, de natação, de balé, além de fazer compras no supermercado e assim vai. Também há muitas mulheres em cargos de chefia, mulheres na política, na polícia, nos hospitais. Mas há sempre a sensação de serem elas casos de 'exceção', e sabemos que essas mulheres enfrentam dificuldades.

Porém, em muitos casos, é a própria mulher que recua diante de uma possibilidade melhor de colocação profissional, julgando-se incapaz para o cargo. Por que isso? Por que encher-se de culpa quando se percebem pensando em seu bem estar, na realização de algum sonho, de algum desejo fora da área caseira? Foi nesse contexto que, nas aulas de linguística, entramos em contato com as ideias de Roger Fowler, ao ler seu livro *Language in the news*, de 1991.

Fowler sugere que as mulheres são constituídas no discurso como um *grupo* especial com suas características peculiares, separadas da população por meio de avaliação específica. "*Irrationality, familial dependence, powerlessness and sexual and physical excess*" (FOWLER, 1991, p. 95) são aspectos do paradigma para esse grupo como tem sido relatado por escritores sobre sexismo na língua. A força do discurso em facilitar e manter esse tipo de discriminação contra membros de um grupo é notável. O ponto é que o uso repetido de expressões que implicam um gênero (masculino ou feminino), apenas reforça a distinção entre as *categorias* de gêneros, fazendo-as parecer normais, continua o autor. Esse não é especificamente um ponto *linguístico*, mas um ponto sobre *discurso*: assim, o aparecimento no discurso de grande número de expressões sociais poderosas atribuídas a homens sugere, implicitamente, que essa seja a ordem natural das coisas. A questão é que se a língua fornece

nomes para as categorias, contribuindo para o estabelecimento de limites e relações, o discurso permite que esses nomes sejam ditos e escritos frequentemente, assim contribuindo para a aparente realidade e atualidade das categorias. É esse o fato que nos fez examinar um jornal de grande circulação, que garantiria a frequência das categorias na formação da opinião pública.

Para Fowler, o mundo que acreditamos como sendo o mundo em que vivemos é mais um conjunto de categorias, organizado culturalmente, do que uma coleção de indivíduos únicos. Ao considerarmos uma pessoa como exemplo de um tipo, as nossas relações com essa pessoa são simplificadas, pois pensamos nela em termos das qualidades que atribuímos à categoria já pré-existente em nossas mentes.

Fowler é um dos idealizadores da ‘Linguística Crítica’, segundo a qual a análise feita com instrumentos linguísticos próprios e com referência a contextos históricos e sociais relevantes, pode trazer à superfície para inspeção, a ideologia normalmente escondida pela habitualização do discurso. A Linguística Crítica, portanto, envolve a análise ideológica do conteúdo textual em geral implícito, e baseia-se na visão de que os textos não são neutros como parecem; isso porque os processos sociais que levam a escolhas conscientes são escondidos ou feitos opacos na codificação linguística.

Nesse sentido, segundo Li (2010), uma premissa básica a todas as abordagens referentes à análise crítica é que o uso da língua no discurso implica significados ideológicos, bem como a existência de restrições discursivas nesse uso e nos significados implicados (VAN DIJK, 1993; FOWLER, 1991; FAIRCLOUGH, 1992). A visão funcional da GSF - das escolhas linguísticas como índices de significados - cruza com a análise crítica, afirma Li. Com seu foco na seleção, categorização e ordenação do significado nas microestruturas no nível da oração mais do que no macronível do discurso, a GSF é especialmente útil para uma análise sistemática, que enfoca os traços linguísticos no micronível dos textos do discurso, fornecendo intravisiões críticas na organização dos significados do texto. A GSF tem recebido contribuições que ampliaram seu poder analítico, e que serão úteis em minha análise. Propostas como as de Martin (2000; 2003) detiveram-se no exame da metafunção interpessoal, da GSF, através das noções de Avaliatividade e dos *tokens* de Atitude.

Como em nossos dados constam também algumas imagens que apareceram na página do jornal em questão, apoiamo-nos em Macken-Horarik (2004), que analisa a contribuição complementar entre imagens e palavras do texto, no processo da construção de significados.

A discriminação no discurso: A categorização da mulher sob o enfoque da gramática sistêmico-funcional

O fenômeno do texto composto ou multimodal é um desafio para analistas do discurso, diz a autora, particularmente para os que trabalham com ferramentas linguísticas moldadas para o texto verbal. Porém, com apoio da GSF e, em especial, da noção de Avaliatividade (MARTIN, 2000, 2003) e praticada na *Sydney School Linguistics*, ela propõe uma avaliação da imagem e da verbiagem mais rica do que a que se faz atualmente em análises desses modos em separado. Por outro lado, em termos metodológicos, concordamos com Fowler, que elege (GSF) (HALLIDAY, 1985; 1994) para servir de base para sua análise, pois acredita que essa teoria lance luzes sobre a relação língua e contexto.

O objetivo deste artigo é comparar, à luz da Linguística Crítica, com apoio metodológico da GSF, a categorização da mulher e a do homem no jornal *Folha de S. Paulo*. Para tanto, a pesquisa deve responder às seguintes perguntas: (a) Com que frequência a mulher ou o homem são citados na primeira página do jornal *Folha de S. Paulo*? (b) Que tipo de atividade exercem homens e mulheres citados nessa página? (c) Que escolhas léxico-gramaticais revelam a ideologia subjacente à figura da mulher e à do homem?

1.1 Justificativa

A formação de um leitor crítico deve ser o objetivo da escola. Para isso, faz-se necessária a adoção de um conceito de leitura que privilegie a negociação e a construção de interpretações "situadas"; um conceito de leitura como prática social, que dê conta dos vários tipos de conhecimento que interagem nos processos interpretativos: conhecimento linguístico-textual, conhecimento prévio do mundo, de práticas sociais gerais e discursivas (FAIRCLOUGH, 1992; MOITA LOPES, 1996).

O texto jornalístico tem sido o motivador de muitas aulas de compreensão da escrita em salas de aula, em praticamente todos os níveis de ensino. Ora, a estrutura de um texto jornalístico, sob pressão das circunstâncias sociais da comunicação, incorpora valores e crenças, já que, como diz Fowler (1987, p. 67), "Não há representação neutra da realidade", embora não tenhamos como compreender a realidade ou o mundo se não for através da língua, porque a realidade é sempre estruturada ou reconstruída através da língua.

2. Fundamentação teórica

Apresentamos, a seguir, as teorias que embasam a nossa pesquisa. Iniciamos com uma visão ampla sobre a análise do discurso (FAIRCLOUGH, 1992), seguida da visão mais ligada à língua - a Linguística Crítica (FOWLER, 1991) e examinamos a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) (HALLIDAY, 1985; 1994), dentro da proposta de Li (2010) de aliar a macroestrutura ideológica com a microestrutura linguística. Apoiamo-nos também na noção de *Appraisal* (Avaliatividade) (MARTIN, 2000; 2003), que propõe o 'token' de Atitude para examinar a avaliação implícita no discurso. Finalizamos a parte teórica com Macken-Horarik (2004), segundo a qual, a GSF também dá conta da análise da contribuição complementar entre imagens e palavras, no processo da construção de significados.

2.1 A Análise do Discurso, segundo Fairclough

Discurso, para Fairclough (1992), refere-se ao uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Essa definição tem várias implicações. Primeiro: discurso é um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. Segundo: implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social. Por outro lado, o discurso é socialmente constitutivo.

2.2 A Linguística Crítica

O ponto teórico principal na análise de Fowler (1991) é de que qualquer aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica - seleção lexical, opção sintática, etc. – todos têm sua razão de ser. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa, e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas (e assim diferenças de representação). Diante disso, Fowler julga justificável praticar um tipo de linguística direcionada para a compreensão de tais valores, conhecida como Linguística Crítica (LC). A LC procura, estudando detalhes da estrutura linguística à luz da situação

A discriminação no discurso: A categorização da mulher sob o enfoque da gramática sistêmico-funcional

social e histórica de um texto, trazer para o nível da consciência os padrões de crenças e valores que estão codificados na língua – e que estão subjacentes à notícia, para quem aceita o discurso como 'natural'. É o que tentamos mostrar aos nossos alunos.

2.2.1 A discriminação

Fowler (1991) mostra que a *categorização* é uma base discursiva para a *discriminação*. A discriminação é uma prática que afeta sujeitos individuais, implicando oportunidades desiguais de emprego, educação, dinheiro, atenção pela polícia, punição ilegal, resultando em desigualdade de estima. E, segundo o autor, a 'justificativa' para essas práticas, quando oferecida, não é dada em termos do indivíduo, mas em termos de algum grupo ao qual a pessoa pretensamente pertence, e o estereótipo que a cultura atribui convencionalmente ao grupo é aplicado ao indivíduo de modo preconceituoso. *Grupo* é um instrumento para manipular a discriminação, para justificar a desigualdade, e que adquire solidez ao ser negociado no discurso. A categorização pelo vocabulário é uma parte integral da reprodução da ideologia nos jornais e é, particularmente, a base da prática da discriminação quando trata dos chamados 'grupos' de pessoas. Além disso, é também vital que os sistemas de significados sejam conservados vivos e familiares, através de enunciação regular em contextos apropriados.

178

2.3. A Gramática Sistêmico-Funcional: A Relação entre Língua e Ideologia

A abordagem de Van Dijk (1993, 1997) tenta relacionar a noção *macro da ideologia* às noções *micro dos discursos* e das práticas sociais de membros de grupo, estabelecendo um elo entre o social e o individual, o macro e o micro, o social e o cognitivo. Essa abordagem é especialmente útil no exame do modo como o discurso é usado por diferentes grupos a fim de comunicar ideologias específicas para membros do grupo ou fora do grupo.

Com base na proposta de Van Dijk, Li (2010) recorre a uma metodologia que se apoia na gramática da oração, no enquadre da GSF, para entender as ideologias específicas e identidades de grupo no nível profundo, por meio dos traços do texto na estrutura superficial. A língua é aqui entendida como uma "rede de opções entrelaçadas" (HALLIDAY, 1994, p.

xiv). Essas escolhas gramaticais são descritas em termos funcionais para que sejam significativas semântica e pragmaticamente; as funções da gramática, de acordo com Halliday, consistem de três distintos sistemas de metafunções, embora inter-relacionados: o *Ideacional* (a informação), o *Interpessoal* (a interação) e o *Textual* (a construção linguística), que nos níveis da oração e da frase ajudam a compreender os significados sociais e ideológicos envolvidos em determinadas escolhas linguísticas e retóricas.

Veja a análise dessa interrelação em: 'Ele estudou inglês no passado', no Quadro 1. Veja a classificação dos processos e seus participantes no Quadro 2.

	Ele	estud-	-ou	inglês	no passado
Ideacional	Ator	processo material		Meta	Circunstância
Interpessoal	Mood	Resíduo	Mood	Resíduo	
	Sujeito	Predicador	Finito	Complemento	Adjunto adverbial
Textual	Tema	Rema			

Quadro 1: As três metafunções (Fonte: HALLIDAY, 1994)

Em relação à metafunção ideacional, o verbo ‘estudar’ expressa um processo material, ‘Ele’ um participante ‘Ator’, ‘inglês’ um participante ‘Meta’ e ‘no passado’ uma Circunstância de tempo. Esses elementos representam a Transitividade da oração. Em relação à metafunção interpessoal, é uma sentença declarativa, na qual ‘Ele’ realiza o Sujeito, a terminação ‘-ou’ (da forma verbal ‘estudou’) o Finito, e ‘estud-’ (da forma verbal ‘estudou’) o Predicador. ‘Ele’ ainda realiza o *Mood* e o restante da frase forma o Resíduo. Em relação à metafunção textual, ‘Ele’ realiza o Tema da frase e o restante, o Rema. O Tema é o ponto de partida da mensagem e indica uma posição importante na frase, ajudando a estruturar o discurso e a dar proeminência aos elementos que o compõem.

Essa fusão dos três significados é possível, diz Halliday (1994), porque a língua possui um nível intermediário de codificação: a léxico-gramática. É este nível que possibilita à língua construir três significados concomitantes, e eles entram no texto através das orações. Daí porque Halliday dizer que a descrição gramatical é essencial à análise textual.

O Quadro 2 mostra o sistema da Transitividade, pertencente à metafunção ideacional, que representa os eventos das orações em termos de *fazer*, *sentir* ou *ser*, envolvendo: (i) participantes; (b) processos; e (c) circunstâncias.

A discriminação no discurso: A categorização da mulher sob o enfoque da gramática sistêmico-funcional

Processo	Participantes
<i>Material</i>	Ator, Meta, Extensão, Beneficiário
<i>Comportamental</i>	Comportante, Comportamento, Fenômeno
<i>Mental</i>	Experienciador, Fenômeno
<i>Existencial</i>	Existente
<i>Relacional</i>	Identificativo: Característica, Valor Atributivo: Portador, Atributo
Verbal	Dizente, Receptor, Verbiagem-receptor-alvo

Quadro 2: Relação processos/participantes

3.1 A Metafunção interpessoal

Segundo Halliday, a oração está organizada como um evento interativo, envolvendo falante (ou escritor), e audiência. Os tipos fundamentais de *papel de fala* são apenas dois: (i) dar, e (ii) pedir. O falante ou está dando ou está pedindo algo para o ouvinte (uma informação, por exemplo).

Thompson e Thetela (1995), porém, julgam necessária uma distinção no interior da metafunção interpessoal: (i) pessoal, ou o posicionamento pessoal do escritor (modalidade) e (ii) interacional, a interação entre escritor e leitor (modo), respectivamente. Eles examinam os seguintes papéis:

- (a) *desempenhados*, realizado pelo ato de fala por si, ou seja, o participante não pode desempenhar esses papéis (aqui eles examinam as perguntas e as ordens);
- (b) *projetados*, em que tratam da questão da (i) *rotulação* dos falantes/ouvintes (aqui eles examinam os elementos de tratamento (*senhor, você*) e (ii) da *atribuição* dos papéis que exercem na transitividade (*ator, meta* etc).

2.3.1 A Avaliatividade (*Appraisal*)

Por seu lado, diz Martin (2000) que a GSF tendeu a omitir a semântica da avaliação, isto é, o modo como os interlocutores estão se sentindo, os julgamentos que eles fazem, o valor que eles atribuem a vários fenômenos de sua experiência. Assim, juntamente com modelos baseados na gramática, o autor desenvolveu um sistema reticular de descrições de opções semânticas para avaliar pessoas, coisas e fenômenos, que foi denominado de

APPRAISAL (doravante: Avaliatividade). A Avaliatividade é constituída por três principais sistemas e subsistemas, conforme o quadro 3.

	Sistemas	Subsistemas	
	Avaliatividade (APPRAISAL)	COMPROMISSO	Monoglóssico: declaração sem modalização
Heteroglóssico: declaração com modalização			
ATITUDE		Afeto: Avaliação de (in) felicidade - (in) segurança - (in) satisfação	
		Julgamento: Aprovação Social - Sanção Social	
		Apreciação: Reação - Composição - Valoração	
GRADAÇÃO		Força	aumenta (<i>completamente devastado</i>)
			diminui (<i>um pouco chateado</i>)
	Foco	aguça (<i>um policial de verdade</i>)	
		suaviza (<i>cerca de quatro pessoas</i>)	

Quadro 3 - Recursos de Avaliatividade (Fonte: MARTIN 2000)

2.3.1.1 *Token* de Atitude

Diz Martin (2000) que os sistemas de Avaliatividade também se ligam a outros sistemas, no sentido de ‘redundar’ com outras partes da léxico-gramática, cobrindo a mesma área semântica com o uso de diferentes recursos linguísticos. Assim, por exemplo, o significado avaliativo (metafunção interpessoal) em: “O filme era *muito triste* ”, está próximo, em termos semânticos, ao do processo mental¹ de afeição (metafunção ideacional): “O filme me *comoveu até as lágrimas.* ”

Mas, ao lado das avaliações explícitas, há casos como em: *Maria confrontou a autoridade* , de avaliação implícita, em que a decisão pela Avaliatividade de Atitude - se positiva, se negativa - depende da posição de leitura. Esse fato levou Martin a postular uma distinção importante entre Avaliatividade inscrita (explícita) e evocada (implícita), que chamou de *token* de Atitude, em que um significado ideacional, portanto neutro em termos avaliativos, pode se investir de função interpessoal.

A propósito da Avaliatividade implícita, Coffin e O'Halloran (2006) referem-se à frase *dog-whistle politics* , cunhada recentemente para capturar a forma de avaliação implícita. A comunicação política usa significados aparentemente neutros, mas que devem ser ‘entendidos’ como uma mensagem negativa pela comunidade alvo (MANNING, 2004).

¹ Halliday (1994), em vez de considerar a divisão dos verbos em transitivos e intransitivos, chama-os de processos e os classifica em seis tipos: materiais, mentais, relacionais, comportamentais, existenciais e verbais.

A discriminação no discurso: A categorização da mulher sob o enfoque da gramática sistêmico-funcional

Por seu lado, Luchjenbroers e Aldridge (2007) falam em *frames*, conjuntos de informação aceitos culturalmente, que acompanham qualquer termo lexical. A adequação do *frame* escolhido é também muito importante para '*contrabandear uma informação*', um termo usado quando uma informação (negativa) é sub-repticiamente inserida, por exemplo, nas declarações de uma testemunha.

Nesse contexto, alguns significados acrescentam-se àqueles proporcionados pela metafunção ideacional, graças à avaliação direta de fenômeno relacionado a um intertexto prévio, num processo chamado de logogênese [construção dinâmica do significado conforme o texto se desenvolve], segundo Halliday (1992), Halliday & Martin (1993) e Halliday & Matthiessen (1999), chamado de propagação avaliativa, por Lemke (1998).

182

2.5 A abordagem intertextual ou translinguística

Bakhtin (1953 [1986]) conscientizou os linguistas para o caráter profundamente 'endereçador' dos textos tratados como monológicos, e fala em textos que ensinam implicitamente, em especial itens de conteúdo de certos valores éticos que, assim, engajam os leitores no processo da leitura. Para Bakhtin, todos os enunciados são orientados *retrospectivamente* para enunciados de falantes anteriores e *prospectivamente* para enunciados antecipados de falantes seguintes. "Não pode haver enunciado que, de uma maneira ou de outra, não reatualize outros" (FOUCAULT, 1972, p. 98). O termo 'intertextualidade' foi cunhado por Kristeva no final dos anos 1960, ao tratar da obra de Bakhtin. A intertextualidade é a fonte de grande parte da *ambivalência dos textos*, diz Fairclough (1992). Se a superfície de um texto pode ser multiplamente determinada pelos vários textos que entram em sua composição, então tal mistura de elementos pode tomar seu sentido ambivalente: diferentes sentidos podem coexistir, e pode não ser possível determinar 'o' sentido.

2.6 A comunicação visual

Em nossos dados, retirados da primeira página de cada uma das trinta edições do jornal *Folha de S. Paulo*, alguns dos títulos, acompanhados de seus respectivos textos,

apresentam também fotografias ilustrativas do seu conteúdo linguístico. Assim, embora o foco não tenha sido, inicialmente, o estudo do elemento visual dos nossos dados, tentaremos, dentro do possível, abordar também essas imagens.

O fenômeno do texto composto ou multimodal é um desafio para analistas do discurso, diz Macken-Horarik (2004), particularmente os que trabalham com ferramentas linguísticas moldadas para o texto verbal. A autora analisa a contribuição complementar entre imagens (ilustrações) e palavras (do texto), no processo da construção de significados. Apoiando-se principalmente na análise da Avaliatividade (MARTIN, 2000, 2003) e praticada na *Sydney School linguistics*, ela propõe uma avaliação da imagem e da verbiagem mais rica do que é feito atualmente em análises desses modos em separado. Uma gramática semiótica nesses moldes foi desenvolvida por Kress & Van Leeuwen (1996), em *Reading Images*, em que, amparados pela Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), fornecem um enquadramento teórico consistente para a análise de textos visuais, e transformam o paradigma linguístico em que trabalham.

2.6.1 As ferramentas

A GSF incorpora três tipos de significados na análise da comunicação humana. Essas metafunções incluem: o significado *interpessoal* (relações sociais e de identidade que atuam e são usadas nos textos); *ideacional* (a representação empírica da realidade experiencial (ou, melhor, realidades) nos textos; e significados *textuais* (os modos pelos quais os textos são feitos coerentes e relacionados ao seu contexto). O princípio das metafunções forneceu aos semioticistas categorias abstratas e gerais para a análise de diferentes sistemas semióticos.

Kress & Van Leeuwen (1996) consideram três sistemas principais para análise do significado nas imagens interativas, que incluem: o sistema de *contato*, através do qual a imagem age sobre o espectador de alguma maneira (exigindo uma resposta ou oferecendo uma 'informação' visual); o sistema de *distância social*, através do qual o espectador é convidado a aproximar-se dos participantes representados (distância social íntima), mantida a uma distância razoável (distância social) ou 'na posição de afastamento' (distância impessoal); e dois grupos de sistemas dentro de atitude: dimensão *horizontal*, que cria envolvimento dos espectadores (por meio da frontalidade) ou afastamento (através da lateralidade), e da dimensão *vertical*, que cria a relação de poder entre o espectador e participantes representados

A discriminação no discurso: A categorização da mulher sob o enfoque da gramática sistêmico-funcional

(hierárquico ou solidário). Esses recursos visuais correspondem mais ou menos aos sistemas linguísticos, tais como, os atos de fala, modo, pessoa e recursos como a avaliação.

Fazemos a seguir o Quadro 4, com o resumo das teorias até aqui apresentadas.

Análise de cunho crítico: Linguística Crítica	
GSF	Relação: macro e micro estruturas
	Papéis desempenhados e atribuídos
	Avaliatividade explícita e implícita Implícita (<i>dog-whistle</i> politics - contrabando de informação)
	Apoio: Intertexto

Quadro 4 - As categorias de análise

3. Metodologia

Com vistas a responder às perguntas de pesquisa (a) Com que frequência a mulher ou o homem são citados na primeira página do jornal *Folha de S. Paulo*? (b) Que tipo de atividade exercem homens e mulheres citados nessa página? (c) Que escolhas léxico-gramaticais revelam a ideologia subjacente à figura da mulher e à do homem?, apresentamos, a seguir, os Dados e os Procedimento de Análise.

3.1 Dados

O corpus deste trabalho constituiu-se de:

- (a) 30 páginas do jornal *Folha de S.Paulo*, do mês de abril de 2010, sendo escolhida a primeira página de cada edição, e
- (b) 4 notícias publicadas na primeira página desse período.

Julgamos que a primeira página do jornal, pela importância que confere aos assuntos nela contidos, será um sinalizador por excelência da valorização ou não do papel da mulher na sociedade. É ela que chama a atenção dos leitores, mesmo a do passante não leitor do jornal. A primeira página atinge a grande massa.

No presente artigo, apresentamos os resultados colhidos com o exame das 30 páginas, mas com referência à análise das 4 notícias, trazemos apenas a de *Beijinho, beijinho, tchau, tchau*, publicado na *Folha de S.Paulo* (01/04/10), por questão de exiguidade de espaço.

3.2 Procedimentos de análise dos dados

A análise dos dados, de cunho crítico, divide-se em:

- A.** Referente às 30 primeiras páginas, que responde às perguntas de pesquisa (a) e (b).
- (i) Fizemos a contagem das notícias que mencionam explicitamente a mulher e o homem na primeira página de cada edição do jornal *Folha de S. Paulo*. Os que fazem menção a ambos - casos de palavras como 'pesquisadores' envolvendo homens e mulheres - não serão levados em consideração.
- (ii) Apontamos as atividades relacionadas a homens e mulheres. Nesse item, não serão levadas em consideração as atividades citadas tanto para homens quanto para mulheres.
- B.** Referente a uma das 4 notícias, *Beijinho, beijinho, tchau, tchau*, e que responde à pergunta (c) Que escolhas léxico-gramaticais revelam a ideologia subjacente à figura da mulher e à do homem?,
- (i) Verificação do contexto por meio das variáveis de registro - Campo, Relações e Modo - para diminuir a subjetividade da análise das avaliações.
- (ii) Aplicação da proposta de Li (2010) para verificar a relação entre a macroestrutura da ideologia com a microestrutura das escolhas linguísticas.
- Metafunção ideacional: Verificação do sistema da Transitividade.
 - Metafunção interpessoal:
 - (i) Verificação dos papéis interacionais (*desempenhados* e *projetados* [este envolvendo os de *rotulação* e os de *atribuição*]).
 - (ii) Verificação da Avaliatividade, incluindo recursos implícitos de avaliação (*tokens*) bem como outros recursos retóricos.
 - Metafunção textual: Verificação da ocupação da posição de Tema ou do Rema, incluindo o Novo-Rema.

A discriminação no discurso: A categorização da mulher sob o enfoque da gramática sistêmico-funcional

A análise será seguida de uma discussão, ocasião em que será explicitada a análise feita nos itens acima.

4. ANÁLISE

Os itens 4.1 e 4.2 referem-se à análise das 30 páginas iniciais da FSP; o item 4.3 refere-se à notícia *Beijinho, beijinho, tchau, tchau*.

186

4.1 Frequência de citação de homens e mulheres

Iniciamos a análise, apresentando o gráfico de frequência de citação explícita de homens e mulheres nas primeiras páginas dos jornais do mês de abril de 2010. A seguir, uma tabela para uma visualização mais detalhada.

No mês de abril de 2010, na primeira página de cada edição do jornal *Folha de S. Paulo*, portanto, em 30 páginas, homens e mulheres foram citados, conforme mostra a Tabela 1.

<i>Categoria</i>	HOMEM	MULHER	TOTAL
<i>Em n°.</i>	199	58	257
<i>Em %</i>	77	23	100

Tabela 1: Frequência de citação de homens e mulheres

A Tabela 1 mostra que o homem é citado três vezes mais que a mulher, o que parece demonstrar que a participação da mulher na vida pública é tímida. Esse fato ou (a) é uma justificativa de que seu papel se restrinja em geral aos afazeres domésticos, ou (b) inversamente, que, devido a um tipo de categorização, a própria mulher esteja convencida de que esse é o seu papel. Isso nos convida a verificar o papel que é atribuído a homens e mulheres.

Atividade exercida por homens e por mulheres

Dando continuidade ao trabalho, constatou-se um total de 103 atividades diferenciadas, sendo citados 24 tipos de atividades exercidas por mulheres e 79 por homens. Para facilitar a visualização, com as atividades exercidas por homens e mulheres, na sequência, o Quadro 5, a título de exemplificação.

As atividades estão em ordem alfabética. Salta à vista a diferença entre o número das atividades citadas, e também a diferença nos tipos dessas atividades.

HOMEM	MULHER
Atividades equivalentes	
aluno, assessor, candidato, candidato à presidência, chefe da casa civil, pai, presidente do país, senador, cantor, ministro [10]	assessora de gabinete, candidata à presidência, estudante, mãe, ministra-chefe da casa civil, presidente do país, senadora, cantora, ministra [10]
Atividades diferentes	
advogado, analista, aposentado, arcebispo, artista, bispo, cardeal, chefe do STF, ciclista, cirurgião, deputado, governador, juiz, padre, poeta, presidente do BC, chanceler, jogador de futebol, papa, pároco, pedreiro, prefeito, relator, secretário de estado, segurança, traficante, vice-presidente do país [...] (69)	atriz, conselheira da secretaria, guia, jogadora de vôlei, mulher-bomba, ombudsman, <i>performer</i> , psicóloga, presidente de associação civil, rebelde, roqueira, sexóloga, visitante [...] (13)

Quadro 5: Atividades exercidas por homens e por mulheres

Essa diferença quanto aos números e tipos diferentes de atividades entre homens e mulheres sugere a existência de distinção grupal nesse setor. Fica, também, a impressão geral de que a mulher se torna notícia caso se revele contrária à maioria, saindo do seu papel usual de dona de casa.

4.3 A avaliação do homem e da mulher: As escolhas léxico-gramaticais

Para responder à terceira pergunta de pesquisa, iniciamos a análise de ‘Beijinho, Beijinho, Tchau, Tchau’ publicado na primeira página do jornal *Folha de S. Paulo*, no dia 01/04/2010.

A discriminação no discurso: A categorização da mulher sob o enfoque da gramática sistêmico-funcional

4.3.1 O exame do contexto

Como já vimos, o *registro* descreve a influência das dimensões do contexto situacional imediato sobre a língua, por meio de: (a) *Campo* (o assunto sobre o que a língua está sendo usada); (b) *Relação* (a relação entre os interlocutores) e (c) *Modo* (o papel que a língua exerce na interação). A verificação do contexto é importante, em especial quando se analisam avaliações implícitas, de caráter subjetivo por natureza.

188

4.3.1 Texto I: *Beijinho, Beijinho, Tchau, Tchau*



Figura 3: *Beijinho, Beijinho, Tchau, Tchau*

Notícia publicada na primeira página do jornal em 01/04/2010

- Campo:** José Serra (no alto) recebe beijo da mulher, Mônica, após discurso em que (Serra) fez balanço e (Serra) se despediu do cargo de governador; Dilma Rousseff, que deixou a casa civil, (Dilma) cumprimenta a cigana Mirian Stanescon, conselheira da Secretaria da Igualdade Racial [FSP, 01/04/2010].
- Relações:** *Folha de S.Paulo* e leitores do Caderno A
- Modo:** Linguagem verbal e visual se complementam para organizar os conteúdos de Campo e Relações

4.3.2 As escolhas léxico-gramaticais

A seguir, para responder à terceira pergunta de pesquisa, verificamos as escolhas léxico-gramaticais feitas pelo editorial.

4.3.2.1 A metafunção Ideacional

Recorremos inicialmente à metafunção ideacional, examinando o sistema de Transitividade, da GSF. Repetimos o Quadro 2, para facilitar o entendimento da análise abaixo:

Processo	Participantes
<i>Material</i>	Ator, Meta, Alcance, Beneficiário
<i>Comportamental</i>	Comportante, (Alcance)
<i>Mental</i>	Experienciador, Fenômeno
<i>Existencial</i>	Existente
<i>Relacional</i>	Identificativo: identificado, Identificador Atributivo: Portador, Atributo
<i>Verbal</i>	Dizente, Receptor, Verbiagem, Alvo

Quadro 6: Relação processos/participantes

(1) <u>Serra</u> (no alto) <u>recebe</u> beijo <u>da mulher, Mônica</u> , após discurso em que Meta Material Ator
(Serra) <u>fez</u> balanço e (Serra) se <u>despediu</u> do cargo de governador; Ator Material Ator Material
(2) [...] <u>Dilma Rousseff</u> , que <u>deixou</u> a casa civil, (Dilma) <u>cumprimenta</u> Ator Material Ator Material
<u>a cigana Mirian Stanescon</u> , conselheira da Secretaria da Igualdade Racial. Meta

Quadro 7: Análise de do sistema da Transitividade da notícia 1

Discussão: O exame da metafunção *ideacional* - o significado construído pela língua referente a eventos das orações em termos de *fazer*, *sentir*, *ser* - não revela diferença na escolha do Processo (material) que envolve Participantes semelhantes (Ator e Meta).

A discriminação no discurso: A categorização da mulher sob o enfoque da gramática sistêmico-funcional

NOTA: A diferença está no fato de que Serra é Meta (Serra é beijado por Monica, sua esposa) e Dilma é Ator (Dilma cumprimenta a cigana Mirian), mas essa questão pertence à Metafunção Textual.

4.3.2.2 A Metafunção Interpessoal

(1) Serra (no alto) recebe beijo <u>da mulher, Mônica</u> , após discurso em que Papel projetado de nomeação: <i>esposa</i> Avaliat: <i>token</i> de Atitude
(Serra) fez balanço e (Serra) se despediu do cargo de governador;
(2) [...] Dilma_Rousseff, que deixou a casa civil, (Dilma) cumprimenta <u>a cigana Mirian Stanescon</u> , conselheira da Secretaria da Igualdade Racial. Papel projetado de nomeação: <i>cigana</i> Avaliat: <i>token</i> de Atitude

Quadro 8: Análise da metafunção Interpessoal: Avaliatividade

Discussão: Na análise da metafunção *interpessoal*, vamos considerar o jornal *Folha de S. Paulo* dirigindo-se a seus leitores, um público em geral exposto frequentemente às opiniões do jornal. Nesse contexto, alguns significados se acrescentam àqueles proporcionados pela metafunção ideacional, graças à avaliação direta de fenômeno relacionado a um intertexto prévio, chamado de logogênese [construção dinâmica do significado conforme o texto se desenvolve], segundo Halliday (1992), Halliday & Martin (1993) e Halliday & Matthiessen (1999).

Consideremos, segundo Thompson e Thetela (1995), o *papel projetado de nomeação* 'esposa' para Mônica, e 'cigana' para Mirian, termos ideacionais, pois descrevem o que Mônica e Mirian são na vida real, mas que podem dar origem a dois tipos de imagem: positiva para Mônica e negativa para Mirian, devido ao *frame* [conhecimento de mundo] que o leitor tem em sua mente e que interage com o texto.

Quanto aos *papéis projetados de atribuição*, no caso de Serra, ele, além de ser o 'marido beijado por sua esposa Mônica' no evento linguístico, - fato que lembra coisas como 'família bem constituída', é também **Meta** na oração 'recebe beijo (= é beijado), situação em que as metafunções interpessoal e ideacional se sobrepõem. Nesse contexto, até expressões como 'despediu-se do cargo de governador' X 'deixou a casa civil' parecem favorecer Serra. A esse tipo de *avaliação implícita* - Avaliatividade evocada, para Martin (2000; 2003) - em que um significado ideacional pode ser "saturado" em termos avaliativos, ou seja, interpessoais, é

chamado pelo autor de *token* de atitude; mais recentemente, foi chamado de *dog-whistle politics*, o uso de significados aparentemente neutros em termos avaliativos, mas que devem ser ‘entendidos’ como uma mensagem negativa pela comunidade alvo [evidentemente já exposta constantemente a certo tipo de avaliação] (MANNING, 2004, *apud* COFFIN e O'HALLORAN, 2006).

4.3.2.3 A Metafunção Textual

(1) <u>Serra</u> (no alto) recebe beijo da mulher, Mônica, após discurso em que Tema
(Serra) fez balanço e (Serra) se despediu do cargo de governador; Tema Tema
(2) [...] <u>Dilma Rousseff</u> , que deixou a casa civil, (Dilma) cumprimenta Tema Tema
a cigana Mirian Stanescon, conselheira da Secretaria da Igualdade Racial.

Quadro 9: Análise da metafunção textual da notícia 1

Discussão: Segundo a GSF, a metafunção *textual* trata do modo como são dispostas linguisticamente as metafunções ideacional e interpessoal, e assim os textos são feitos coerentes e relacionados ao seu contexto. Notemos como, para focar a pessoa de Serra ('Serra recebe beijo'), usou-se um verbo de sentido passivizante (equivalente à passiva 'é beijado'). Assim, o Participante Meta (Serra) ocupa o lugar de *Tema* da oração [aquilo de que se fala na oração (HALLIDAY, 1994), embora esse lugar seja na maioria das vezes ocupado por Ator.

5. A LINGUAGEM VISUAL

No caso, vamos aproveitar a ocasião para analisar o elemento visual proporcionado pela fotografia dos candidatos no momento em que se preparavam para o lançamento de suas candidaturas. A fim de desenvolver uma gramática semiótica adequada para a análise do discurso multimodal, temos de começar de algum lugar, afirma Macken-Horarik (2004). A GSF tem se revelado útil em vários aspectos, pois a relação das estruturas linguísticas com os processos sociais faz da GSF um recurso útil para o estudo mais amplo de diferentes modos semióticos.

A discriminação no discurso: A categorização da mulher sob o enfoque da gramática sistêmico-funcional

A metafunção textual vê a oração dividida em Tema (aquilo de que fala) e Rema (aquilo que se fala do Tema). Numa oração, a parte final do Rema é chamada de Novo-Rema (Hasan; Fries, 1995), a parte do conteúdo que deve permanecer na mente do leitor e que será repetida no texto. Por outro lado, considerando o final de uma oração, Du Bois (1987) fala em dois fatores: 'peso no final' e 'foco no final', significando com isso que é nessa parte da oração que se localiza a verdadeira mensagem de um texto. Conclui-se que a relação Tema-Rema serve não só para (a) enfocar um elemento da oração, mas também para (b) marcar parte da informação como a mensagem que, de fato, o autor quer que perdure na lembrança do leitor.

Transportando o que é válido na língua, para o meio visual, o que se poderia dizer em relação à foto em foco é que:

- (a) O Tema é Serra, sendo beijado por Mônica, na despedida de cargo oficial, que traz 'aquilo de que se trata nas fotos'.
- (b) Porém, a mensagem que o jornal tem para os leitores é a avaliação negativa da candidata Dilma, a mensagem que está em **foco**, que tem **peso**, e que deve permanecer na mente dos leitores.

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise à luz da Linguística Crítica, cujos proponentes indicam a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) como a metodologia mais indicada para a análise crítica, mostra-nos dois fatos importantes:

- (a) GSF, por ser uma abordagem multidimensional, permite o exame do funcionamento de três significados simultâneos (HALLIDAY, 2004).
- (b) A relação das estruturas linguísticas com os processos sociais faz da GSF um recurso útil para o estudo mais amplo de diferentes modos semióticos (MACKEN-HORARIK, 2004).

Os resultados mostram que a mulher frequenta apenas $\frac{1}{4}$ do espaço da primeira página do jornal *Folha de S.Paulo*, enquanto o homem ocupa o restante do espaço, ou seja, $\frac{3}{4}$,

portanto, 75% das ocasiões, em comparação à mulher. A primeira página de um jornal é o lugar em que acontece o resumo dos fatos mais importantes do Brasil e do mundo. Nesta pesquisa, não verificamos se essas presenças referiam-se ao noticiário nacional ou ao internacional.

Quanto às atividades, embora alguns importantes cargos já estejam ocupados por mulheres, par a par com os homens, conforme nos mostra a parte superior do Quadro 5 'Atividades Equivalentes', ainda assim, vê-se a consequência da frequência reduzida dela nessa página. Novamente, ¼ de referência a atividades ocupadas pela mulher (13 x 69), que sugere que alguns cargos ainda sejam 'femininos', ou seja, possíveis de ser ocupados por elas (atriz, conselheira da secretaria, guia, jogadora de vôlei, psicóloga, presidente de associação civil, sexóloga).

As escolhas léxico-gramaticais mostram a ideologia do jornal, de maneira, em geral, implícita, ou seja, sem o uso de palavras claramente avaliativas ou, quando o jornal o faz, são escolhas que - se merecem a avaliação positiva em alguns contextos - acabam sugerindo avaliação negativa, devido à adequada colocação sintática no texto. Essa relação entre a macroestrutura da ideologia e a microestrutura das escolhas léxico-gramaticais é possibilitada, como diz Li (2010), pelo caráter multifuncional da GSF.

A análise mostra-nos também o que afirmam Luchjenbroers & Aldridge (2007), que juntamente com cada enunciado que produzimos, podemos - ativa ou inconscientemente - deixar pistas para a audiência sobre como percebemos as pessoas, ações e eventos no mundo que nos cerca. Mais ainda, cada escolha lexical ativa que fazemos revela mais diretamente como encorajamos os outros a pensar sobre determinadas pessoas, ações e eventos.

Por outro lado, o termo '*contrabandear informação*' (LUCHJENBROERS e ALDRIDGE, 2007) é usado para quando uma informação é sub-repticiamente inserida no texto. Por força do intertexto prévio, algumas escolhas lexicais podem fazer desencadear na mente do leitor situações negativas relacionadas ao termo selecionado. É o que acontece na categorização da mulher no discurso, conforme nos mostra a análise.

Com relação às perguntas de pesquisa, podemos afirmar que foram respondidas, como esclarecemos a seguir:

- a) Primeira pergunta: com que frequência a mulher ou o homem são citados na primeira página do jornal *Folha de S. Paulo*?

A discriminação no discurso: A categorização da mulher sob o enfoque da gramática sistêmico-funcional

As 30 páginas do jornal do mês de abril de 2010 mostram que a primeira página da FSP menciona o homem três vezes mais que a mulher nesse período, sugerindo diferença de oportunidade. Diante de tal resultado, concentramo-nos na verificação das atividades exercidas pelos dois gêneros.

- b) Segunda pergunta: que tipo de atividade exercem homens e mulheres citados nessa página?

Revela-se, pelos resultados, que há também uma diferença significativa tanto no que se refere à quantidade de atividades exercidas pelas mulheres (24) e pelos homens (79), quanto à diferença nos tipos de atividades: mulheres (atriz, conselheira da secretaria, guia, jogadora de vôlei, mulher-bomba, ombudsman, *performer*, psicóloga, presidente de associação civil, rebelde, roqueira, sexóloga, visitante); homens (advogado, analista, aposentado, arcebispo, artista, bispo, cardeal, chefe do STF, ciclista, cirurgião, deputado, governador, juiz, padre, poeta, presidente do BC, chanceler, jogador de futebol, papa, pároco, pedreiro, prefeito, relator). Como se pode observar, esse resultado sugere a existência de distinção grupal nesse setor.

- c) Terceira pergunta: que escolhas léxico-gramaticais revelam a ideologia subjacente à figura da mulher e à do homem?

Fica evidente, pelos resultados da pesquisa, a questão das escolhas que a língua - como um sistema semiótico - permite fazer, em que determinada escolha adquire significado contra as que deixaram de ser feitas, a saber:

- As escolhas de léxico que refletem papéis projetados de *nomeação* podem desencadear - por força do frame que o leitor traz para o texto - vários tipos de imagem: vimos isso com o exemplo de imagem positiva para *Mônica* (esposa) e negativa para *Mirian Satenscon* (cigana), conforme mostrou a análise do quadro 6.
- Escolhas dos processos no sistema da *Transitividade* aparentemente neutros podem se revestir de caráter interpessoal, situação em que as metafunções interpessoal e ideacional se sobrepõem, construindo significados ideológicos. É o que Martin (2000) chama de *token* de atitude ou de *dog-whistle politics*, o uso de

significados aparentemente neutros em termos avaliativos, mas que devem ser 'entendidos' como uma mensagem negativa pela comunidade alvo. A título de ilustração, vimos que até expressões como 'despediu-se do cargo de governador' X 'deixou a casa civil', pareciam favorecer Serra, ou, 'conselheira da Secretaria da Igualdade Racial' poderia não ser aceita como enaltecimento de Dilma, nem da Secretaria. Também podemos perceber o caráter interpessoal do autor com a escolha léxico-gramatical de *José Serra* como Meta no processo da Transitividade (ele é beijado pela esposa, sugerindo família bem constituída). Isso pode sugerir um reforço da categorização da mulher.

- Com relação ao elemento visual que acompanha as notícias, a GSF se mostrou mais uma vez útil, conforme apontou Macken-Horarik (2004). Vimos que a metafunção textual vê a oração dividida em Tema (aquilo de que fala) e Rema (aquilo que se fala do Tema). Numa oração, a parte final do Rema é chamada de Novo-Rema (Hasan; Fries, 1995), a parte do conteúdo que deve permanecer na mente do leitor e que será repetida no texto. Considerando o final de uma oração, Du Bois (1987) fala em dois fatores: 'peso no final' e 'foco no final'. Desta forma, constatamos que as escolhas das imagens das notícias analisadas mostraram o posicionamento dos autores, ficando coerente com as avaliações transmitidas por eles. Como foi o exemplo da notícia I “Beijinho, Beijinho, Tchou, Tchou”. A escolha da figura da candidata Dilma Rousseff cumprimentando a cigana Mirian Stanescon estava coerente com a intenção do autor em reforçar a avaliação negativa da candidata Dilma.

6. Considerações finais

A Linguística Crítica e a Gramática Sistêmico Funcional foram de grande importância para este estudo, pois, partindo da análise detalhada da língua e do contexto social e cultural, pode-se enxergar significados ideológicos subjacentes e compreender como identidades, ideologias e discriminações são constantemente construídas ou reproduzidas pelo discurso do jornal. No caso, na *Folha de S.Paulo*, foi possível verificar o tipo de ideologia que subjaz à categorização da mulher.

A discriminação no discurso: A categorização da mulher sob o enfoque da gramática sistêmico-funcional

A avaliação implícita ou a avaliação explícita com valor positivo, mas que oculta avaliação negativa, por força do *frame* que o leitor traz na sua interação com o texto, são noções imprescindíveis para a formação de um cidadão consciente, que pode posicionar-se criticamente diante das situações por que passa uma nação e participar ativamente dos destinos de seu país. Agora que esses fatores estão mais claros para nós, poderemos, evidentemente, proporcionar aos nossos alunos um ensino de leitura e de redação, embasado por sólida teoria.

Recebido em: 08/12; Aceito em: 07/13.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M.M. 1986. *Speech genres and other late essays*. Emerson, C.; Holquist, M. (Eds.), Austin:University of Texas Press.
- COFFIN, C & O'HALLORAN, K. 2006. The role of appraisal and corpora in detecting covert evaluation. *Functions of language*, v. 13, n. 1, p. 77-110.
- DU BOIS, J.W. 1987. The Discourse Basis of Ergativity. *Language*, v. 63, n. 4, p. 05-855.
- FAIRCLOUGH, N. 1992. *Discurso e mudança social*. (Trad. 2001). Edit. Unb.
- _____. 1995. *Critical discourse analysis*. London: Longman.
- FOUCAULT, Michel. 1972. *A arqueologia do saber*. Petrópolis Lisboa. Vozes Centro do Livro Brasileiro.
- FOWLER, R. 1991. *Language in the news*. London: Routledge.
- _____. 1987. Notes on critical linguistics. In R. Steele e T. Treadgold *Language topics: essays in honour of Michael Halliday*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publ. Co.
- HALLIDAY, M.A.K. 1985/1994. *An introduction to systemic functional grammar*. London: Arnold.
- _____. 1992. A systemic interpretation of peking syllable finals. In: P. Tench (ed.) *studies in systemic phonology*. London Pinter.
- _____. & MARTIN, J.R. 1993. *Writing science: Literacy and discourse power*. London: Palmer Press.
- _____. & MATHIESSEN, M. I. M. 1999. *Construing experience through meaning: a language based approach to cognition*, London, New York Cassell.
- _____. 2004. *An Introduction to Functional Grammar*. 3nd Ed. revised by C. M. I. M. Matthiessen. London: Arnold.

- HASAN, Ruqaya & FRIES, P. H.. 1995. *On Subject and Theme – A discourse functional perspective*. John Benjamins.
- KRESS, G. and VAN LEEUWEN, T. 1996. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London: Routledge.
- LEMKE, Jay L., 1998. Resources for attitudinal meaning – Evaluative orientations in text semantics. *Functions of Language*, 5,1. (33-56)
- LI, J. 2010. Transitivity and lexical cohesion: Press representations of a political disaster and its actors. *Journal of Pragmatics*, v. 42. n. 12, p. 3444-3458.
- LUCHJENBROERS, J. & ALDRIDGE, M. 2007. Conceptual manipulation by metaphors and frames: Dealing with rape victims in legal discourse. *Text & Talk*, v. 27, n. 3, p. 339-359.
- MACKEN-HORARIK, M. 2004. Interacting with the multimodal text: reflections on image and verbiage in ArtExpress. *Visual Communication* 3.1, p. 5-26.
- MANNING, P. 2004. *DogWhistle Politics and journalism*. Sydney: Australian Centre for Independent journalists.
- MARTIN, J. R. Beyond exchange: Appraisal systems in English. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. 2000. *Evaluation in text – Authorial and the construction of discourse*. Oxford: Oxford University Press.
- _____. 2003. Introduction. *Text* 23.2 (171-182).
- MOITA LOPES, L. P. 1996. *Oficina de Linguística Aplicada*. Campinas: Mercado de Letras.
- THOMPSON, G & PULENG THETELA. 1995. The sound of one hand clapping: The management of interaction in written discourse. *Text*, v.15. n. 1, p.103-127.
- VAN DIJK, Teun, 1993. Principles of critical discourse analysis. *Discourse and Society* 4, 249-283.
- _____. 1997. Discourse as interaction in society. In: VAN DIJK, T. (Ed.). *Discourse as social interaction*, v.2. Londres: SAGE.

Cláudia Moreira dos Santos is a Portuguese teacher. Nowadays she is a doctoral student in Applied Linguistics at LAEL/PUC-SP and has a Master's degree in Applied Linguistics at the same Institution. Her research interests have focused on the relationship between grammar and discourse with a focus on Systemic-Functional Grammar and Critical Linguistics. Email: cmsantos17@gmail.com

Sumiko Nishitani Ikeda holds a Post Doctorate in Applied Linguistics from the Osaka University of Foreign Languages. She has been teaching at LAEL (supervising Post Graduation in Linguistics at Pontifícia Universidade Católica of São Paulo, as a full professor). Areas of interest: evaluation, metaphor, critical linguistics under the theoretical support of Systemic-Functional Grammar. Email: sumiko@uol.com.br